

## MUSA IBN NUSAYR (670-716) E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ANDALUZA NA PENÍNSULA IBÉRICA

Elaine C. Senko<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão histórica sobre um momento de extrema importância para a história da Península Ibérica: a chegada nesta região do governador e general responsável do Norte de África, Musa Ibn Nusayr (670-716). Esse acontecimento transformou e assimilou uma realidade visigoda dentro de uma árabe-islâmica e berbere. Isso foi fundamental para uma realidade que viria a ser a Era de Ouro do Islã no chamado Al-Andaluz. Esse estudo pretende demonstrar a relevância disso através dos escritos de Ibn Al-Hakam (798-871), *História da conquista de Al-Andaluz*, e de Ibn Al-Kouthyia (m. 977) com *A conquista da Andaluzia*. Este modo de olhar para o passado nos revela uma Idade Média viva em que os contatos entre povos de culturas diferentes fomentaram sociedades com identidades ricas de saber como a andaluza.

**Palavras-chave:** Musa Ibn Nusayr; Ibn Al-Hakam; Ibn Al-Kouthyia.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR).

## **Abstract**

This article presents a historical reflection on a moment of extreme importance for the history of the Iberian Peninsula: the arrival in this region of the governor and general in charge of North Africa, Musa Ibn Nusayr (670-716). This event changed and assimilated a reality visigothic into arab-islamic and berber. This was vital for a reality that would be the Golden Age of Islam in the so called Al-Andalus. This study intends to demonstrate its relevance through the writings of Ibn Al-Hakam (798-871), *History of the conquest of Al-Andalus* and Ibn Al-Kouthyia (d. 977) with *The Conquest of Andalusia*. This way of looking at the past reveals a living Middle Ages when contacts between people of different cultures fostered societies with identities as rich of knowledge as the Andalusian.

**Keywords:** Musa Ibn Nusayr; Ibn Al-Hakam; Ibn Al-Kouthyia.

*O que solucionava eram as palavras e os juramentos trocados depois do combate.*  
(Georges Duby em Domingo de Bouvines)

Diante da escassez de obras islâmicas que contemplem o período e tema de nosso estudo, já que inicialmente tal acontecimento da conquista da *Hispania* (711) era relatado apenas oralmente pela *isnad*<sup>2</sup>, elencamos fontes cujas informações, sobre o texto e autor, possibilitassem ainda o teor de uma análise crítica, pois o registro da História passava pelo crivo do escrito: *História da conquista de Al-Andaluz*, escrita pelo historiador egípcio Ibn Al-Hakam (798-871), e *A conquista da Andaluzia*, redigida pelo erudito andaluz Ibn Al-Kouthyia (m. 977).

Al-Hakam, historiador e jurisconsulto egípcio, escreveu duas obras, uma sobre a *História do Egito* e outra sobre a *Conquista de Ifikyia e de Al-Andaluz*. A tradução da última ocorreu pelo Barão De Slane (1801-1878): a primeira vez pelo *Journal Asiatique* (1844) e a segunda como apêndice da obra *História dos Berberes* (1852), de Ibn Khaldun. Os manuscritos originais das obras de Al-Hakam se encontram atualmente na *Bibliothèque Nationale de France*<sup>3</sup>. A obra que utilizamos em nossa pesquisa é a terceira tradução, utilizada pelo historiador John Harris Jones, a qual contempla apenas a conquista em Al-Andaluz (AL-HAKAM, Ibn, 1858).

Al-Hakam inicia sua história da conquista de Al-Andaluz relacionando tal acontecimento para com as circunstâncias políticas do Norte de África, ressaltando que os omayyas tinham uma grande e decisiva influência naquele ambiente. Ademais, a expedição para o sul da Península Ibérica somente foi possível, segundo Al-Hakam, por conta das conquistas dos árabes islamizados sobre os berberes em território magrebino. Nesse contexto, os nomes que se destacam na narrativa de Al-Hakam são

---

<sup>2</sup> A *isnad* é a técnica islâmica de se passar uma história adiante com o cuidado de se ter testemunhos dignos de relatar tal assunto. A *isnad* era utilizada oralmente e depois passou a ser usada na escrita, principalmente observada pelos jurisperitos e por historiadores islâmicos.

<sup>3</sup> A descrição dos manuscritos se encontram em:

<http://catalogue.bnf.fr/servlet/autorite?ID=12782549&idNoeud=1.1&host=catalogue>  
<http://catalogue.bnf.fr/servlet/autorite?ID=12782549&idNoeud=1.2&host=catalogue> (Acesso em 27/05/2012).

o governador do Magreb Musa Ibn Nusayr (640-716) e seu lugar tenente Tariq Ibn Zeyad (m. cerca de 720).

De fato, a narrativa de Al-Hakam enlaça a figura do governador do Magreb, Musa Ibn Nusayr, a praticamente toda a história da conquista de Al-Andaluz, conferindo a Tariq, seu guerreiro comandado, um papel de coadjuvante. Al-Hakam desejava buscar os fatos militares e políticos partindo da particularidade para alcançar um aspecto mais abrangente do evento narrado. O historiador egípcio tinha uma formação malikita de matriz racionalista, mas mesmo dentro dessa formação, que tinha como objetivo a reflexão sobre os fatos, encontramos em sua história a inclusão de fábulas para legitimar a moral, como, por exemplo, ao indicar que Tariq e seu exército praticavam canibalismo e que isso serviu para assustar a população andaluza antes de sua chegada. Fábulas como essa estão presentes em muitas narrativas islâmicas até por volta do século XIV, quando se tornam objeto de crítica, dentro de uma narrativa historiográfica, pelo historiador tunisino Ibn Khaldun (1332-1406). Na construção narrativa de Al-Hakam também podemos inferir sua originalidade na técnica do *flashback*. Tais recuos são necessários para Al-Hakam explicitar o motivo de um dado confronto ou acordo. Essa fonte de Al-Hakam também foi utilizada posteriormente por Al-Tabari (839-923) com um grau alto de autoridade.

Já o historiador Al-Kouthya nasceu em Sevilha e também viveu em Córdoba, onde aprendeu muitas de suas lições. Era tataraneto de Witiza (Ghaytacha) por meio da linhagem de Sara, a Goda, filha, por sua vez, de um dos herdeiros de Witiza, Alamundo. Dessa filiação deriva seu nome, Al-Kouthya, que significa *o filho da Goda*. Em sua obra acerca da conquista de Al-Andaluz, o historiador contempla tal acontecimento de forma breve para se deter, especificamente, na história de sua própria família, buscando assim uma espécie de legitimação para seus antepassados godos e islâmicos (AL-KOUTHYA, Ibn, 1853). Percebemos que os dois autores, Al-Hakam e Al-Kouthya, se interessaram por escrever sobre o contexto de conquista de Al-Andaluz tendo por base motivações e realidades distintas. Al-Hakam vivia no Egito na época em que o governo era independente, tanto dos abássidas de Bagdá quanto

dos omayyas de Córdoba, e possuía um líder político, o emir. Enquanto isso, Al-Kouthya vivia sob o califado de Córdoba de Al-Hakam II (961-976).

A obra de Al-Kouthya que utilizamos para essa investigação, *A conquista da Andaluzia*, foi transcrita pelo pesquisador M. Cherbonneau, constando nas edições do *Journal Asiatique* de 1853<sup>4</sup>. O referido historiador Al-Kouthya se interessava muito pela literatura e história política andaluza. Com um estilo mais crítico e menos retórico que Al-Hakam, o historiador sevilhano tinha um apurado olhar questionador sobre os fatos históricos, detectando neles a variedade de possibilidades interpretativas, apesar de se utilizar do mesmo conto de Al-Hakam acerca da ação “carnívora” de Tariq. Entretanto compreendemos que ambos os historiadores, o egípcio e o andaluz, seguiram em suas narrativas o ensinamento histórico, via oral (*isnad*), de seus mestres, colocando-os por escrito como *tarij*, a história. Assim, vamos conhecer a forma como cada um dos historiadores islâmicos apresentam a figura de Musa Ibn Nusayr e o que eles indicam sobre os atores do evento de 711 na Hispania, que transformou-se na chamada Al-Andaluz.

### **Musa Ibn Nusayr e a transformação no curso da História**

Musa Ibn Nusayr advinha de uma família do Yêmen e desde muito jovem passou a integrar o exército islâmico. No auge de sua carreira, por volta dos seus vinte e oito anos de idade, foi nomeado pelo califa omaya Walid I (668-715) como governador e general responsável do Norte de África. Musa foi o primeiro governador magrebino orientado pelo poder da Síria (e não do Egito), conquistador de Tanger, Marrocos, Ibiza, Majorca, Minorca, Ifrikya, entre outras regiões por onde passou. Tais conquistas empreendidas pelo general Musa, de caráter unificador, lhe renderam grande prestígio e, conseqüentemente, o cargo de governador a que nos referimos (a partir de 698). De fato, quando Musa chegou pela primeira vez das terras da Arábia em solo magrebino, ele encontrou os berberes locais aliados aos bizantinos lutando contra os árabes recém-chegados. Nesse momento, em um movimento estratégico, Musa

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/arabe/elkouthya/histoire.htm> (Acesso em 27/05/2012).

conseguiu angariar a ajuda de muitas tribos berberes visando apoiar o novo governo árabe-islâmico, tornando sua capital a cidade de Tanger. Foi durante e através dessa investida que Musa conheceu o soldado berbere Tariq Ibn Zeyad, o qual, logo após a conquista de Tanger, foi nomeado por ele como o novo governador da região.

Na perspectiva de Al-Hakam, Tariq mantinha nesse período uma relação próxima e negociava com o senhor de Ceuta, chamado pelas fontes em língua árabe de *Ilyan*. O senhor de Ceuta, Ilyan, teria enviado uma de suas filhas para ser educada no reino visigodo, mas logo ela retornou para os braços do pai, grávida, do rei Rodrigo (AL-HAKAM, 1858, p.18). Interessante é que, antes da ida da filha de Ilyan para o Al-Andaluz, Tariq teria sido o responsável por realizar um acordo de paz entre o senhor de Ceuta e Rodrigo. Por conta da nova desavença, Ilyan teria enviado, segundo o historiador Al-Hakam, uma carta a Tariq, através da qual deixava bem claro qual atitude tomaria diante daquela situação que podemos interpretar como um ato de infidelidade: “eu [Ilyan] não desejo outra punição ou alguma recompensa que não seja que você [Tariq] me traga o Al-Andaluz” (AL-HAKAM, 1858, p.19)<sup>5</sup>. Eis, na perspectiva específica de Al-Hakam, a justificativa principal para o avanço das tropas muçulmanas na Península Ibérica. Nesse momento Tariq estava na região de Tlemcen e Musa, em Cairuão. Tariq, supostamente desconfiado da proposta de Ilyan, pediu como segurança algum refém de Ceuta. Ilyan lhe enviou como símbolo de confiança duas filhas, sendo por esta atitude que Tariq aderiu ao projeto e partiu em direção a Ceuta para se instruir sobre o plano de ataque ao Al-Andaluz.

Na viagem de conquista, Tariq avança, segundo a ótica de Al-Hakam, aparentemente sem o conhecimento de seu próprio general, Musa. O guerreiro berbere passa pelo estreito e pela montanha que levarão gravados seu nome até hoje, Gibraltar (*Jebel Tariq*). Devemos ressaltar, no entanto, que o poder de Damasco acompanhava de perto a demanda do senhor de Ceuta, pois o califa Walid enviou um de seus melhores soldados para acompanhar Tariq, Mugheyth Errumi, o qual se tornou comandante da sua cavalaria. O senhor de Ceuta, que acompanhava a investida até a região de Alchadra, enviou para Tariq seus melhores combatentes. Tariq, chegando em

---

<sup>5</sup> As traduções em língua portuguesa de Al-Hakam e Al-Kouthyia são de minha autoria.

Cartagena com seus soldados, já posicionou um plano de ação para avançar sobre a cidade de Córdoba.

Quando Tariq desembarcou em solo andaluz seguiu em busca de Rodrigo, este que parecia estar em Córdoba. Provavelmente, Rodrigo se preparava para abandonar Córdoba em direção a Toledo e, enquanto isso, enviou muitos militares visigodos para combaterem Tariq e seu pequeno grupo de soldados. Sabemos por Al-Hakam que a armada de Tariq era pequena e que um maior grupo de combatentes viria depois com a suposta liderança de Musa. A esse inicial grupo armado foi acrescentado um grupo de apoio dos judeus andaluzes descontentes com o governo de Rodrigo (que deram por recompensa a Tariq uma mesa de Salomão). Musa, nessa altura dos acontecimentos, não tinha ainda consciência do que estava ocorrendo, fato que se tornaria perigoso para Tariq...

Tariq alcançou Rodrigo em uma região de vale denominada *Shedonia*. Lá ocorreu a batalha entre o exército magrebino e o grupo armado dos defensores de Rodrigo, contando com a presença do mesmo. No desenvolvimento da batalha, conforme a narrativa histórica de Al-Hakam:

Rodrigo iniciou a marcha contra Tariq, enquanto este estava acima de uma montanha do vale. Quando Rodrigo se aproximava, Tariq avançou contra ele; Rodrigo vinha sentado em seu trono real sustentado por duas mulas; e estava vestindo sua coroa, estava vestindo ornamentos simbólicos da cabeça aos pés, usava todos os ornamentos tradicionais que os reis antes dele estavam acostumados a vestir. Tariq e seus companheiros marcharam contra Rodrigo, todos a pé. Então eles lutaram do nascer do sol ao pôr do sol, e eles pensavam em suas destruições; mas Deus matou Rodrigo e seus companheiros, e deu aos muçulmanos a vitória. E nunca no oeste existiu uma batalha tão sangrenta como essa. Os muçulmanos não retiraram as espadas de Rodrigo e seus companheiros por três dias. Os soldados islâmicos retornaram para Córdoba (AL-HAKAM, 1858, p.22).

Como vimos na construção da narrativa de Al-Hakam, os muçulmanos venceram a batalha em *Shedonia*. Houve por parte dos muçulmanos, após a vitória, um tratamento de respeito, pois os guerreiros islâmicos não retiraram as espadas de seus inimigos por três dias. Já em seguida, ainda no ano de 711, Toledo foi conquistada

pelo militar islâmico Tariq e seu grupo de apoio. Logo depois Tariq enviou uma correspondência para o seu general Musa sobre o que havia acontecido.

Em 712, conforme a descrição de Al-Hakam, Musa teria sido finalmente informado da investida de grande sucesso empreendida por Tariq, a qual o faz se dirigir para a região do Al-Andaluz, com um grande exército de árabes e berberes magrebinos, visando legitimar a conquista e a supremacia da administração islâmica na região, sendo recebido pelo exército de Tariq<sup>6</sup>. Musa deixou seu filho mais velho, Abd Allah, como governador do Norte de África em seu lugar, e seu outro filho, Merwan, já cuidava de Tanger. Nesse momento, Musa escreve uma carta ao califa Walid I tentando justificar os acontecimentos no Andaluz, pedindo inclusive por sua piedade para com ele. Ao receber a carta, o califa em Damasco exige que Musa e seu guerreiro Tariq se apresentem imediatamente diante dele, mas como ambos estavam imersos em batalhas de conquistas na Península Ibérica, angariando cidade depois de cidade, submetendo a população local a pagarem tributos, ambos deixaram o tempo passar demasiadamente... Inclusive, devemos ressaltar a rivalidade que Al-Hakam propõe entre Musa e seu soldado, Tariq, pois o último sempre lembraria que ele conquistou o Andaluz, sendo testemunha disso o soldado vindo de Damasco a mando califal, Mugheyth Errumi. Sabemos que quando Musa chegou na região anteriormente visigoda, Tariq jurou submissão a ele, mas, devido à continuidade de conquistas dentro do território peninsular, a rivalidade entre ambos aumentava a cada dia. O âmbito das conquistas islâmicas partiu de Al-Andaluz e atingiu até as regiões do Al-Gharb.

---

<sup>6</sup> A mesma narrativa está em: KHALDUN, Ibn. *Histoire des berberes - I*. Tradução do barão Mac Guckin De Slane. Alger: Gouvernement France, 1852, p.215. Para mais informações sobre o pensamento de Ibn Khaldun: SENKO, Elaine Cristina. *O passado e o futuro são como duas gotas d'água: uma reflexão sobre a metodologia da História de Ibn Khaldun (1332-1406)*. Dissertação de mestrado em História pelo PPGHIS UFPR, 2012.





Figura 1 – Encontro entre Tariq e Musa<sup>7</sup>

A impaciência, no entanto, parece ter atingido o califa Walid I, segundo Al-Hakam, que manda aprisionar Tariq e Musa em Damasco, no ano de 714, por prática de insubmissão e descaso para com sua chamada de justificação acerca dos atos cometidos. Musa, o qual então parece aflito na pena de Al-Hakam, tenta resolver a situação, iniciando sua viagem com seu submetido Tariq até Damasco, levando com eles muitos espólios de guerra. Musa também deixou seu filho mais jovem, Abd Al-Aziz Ibn Musa, já casado com uma das filhas de Rodrigo, como governador de Al-Andaluz: “Abd Al-Aziz Ibn Musa, depois da partida do seu pai, casou com uma princesa cristã, um filha do rei de Andaluz chamado Rodrigo, o qual Tariq matou” (AL-HAKAM, 1858, p.26-27).

<sup>7</sup> GREGO GÓMEZ, María. Posible encuentro de Tariq y Musa en Talavera de la Reina según las fuentes árabes. Estado de la cuestión. *Cuaderna*: revista de estudios humanísticos de Talavera y su antigua tierra. Talavera, Nº. 6, 1998, p. 35. Para mais sobre este encontro: GREGO GÓMEZ, María. El encuentro de Tariq y Musà. *Tulaytula*: Revista de la Asociación de Amigos del Toledo Islámico. n.9, pp.83-103, 2002.

Durante a viagem de Musa, relata Al-Hakam, este já teria dado um fim para Tariq no caminho pelo motivo de sua insubmissão no passado para com ele, momento também no qual soube da morte do califa Walid I (715) (AL-HAKAM, 1858, p.25-26). O irmão do califa Walid, Suleyman, foi seu sucessor, sendo para com ele que Musa teve de se explicar. Em Damasco Musa foi aprisionado por Suleyman, pois tal era a ordem deixada por Walid: Musa, portanto, foi considerado um guerreiro em ato de desregramento para com seu califa e deveria ser aprisionado. No entanto, Musa passou a ser, com o tempo, companheiro do califa no palácio, devido a seu passado de glórias guerreiras. Por volta de 716, Suleyman e Musa juntos se encaminham para uma peregrinação santa até Meca, mas Musa não resiste e falece no caminho.

Interessante observar que ocorre um silêncio na obra de Al-Hakam sobre a pessoa do rei Witiza, sendo enfatizada muito mais a imagem de Musa Ibn Nusayr. Já na narrativa de Al-Kouthya o governador magrebino está presente, mas o que mais se ressalta é a valoração de Witiza no início de sua obra, como a fonte apresenta:

[...] informamos que o último rei dos godos, na Andaluzia, foi Ghaythacha (Witiza). Este rei morreu, deixando três filhos: Olemundo, Rômulo e Arthobãs. Esses príncipes, ainda muito jovens na época da morte de seu pai, permaneceram em Toledo, sob a tutela de sua mãe, viúva do falecido rei, e foi ela quem passou a comandar a família em seu nome. Quanto a Rodrigo, que foi um dos generais do pai do rei dos príncipes, [...] foi morar em Córdoba com todos os guerreiros que o cercavam. Durante o reinado de Ibn Abdelmalek quando Tharik Ibn Ziyad entrou em Andalusia, escreveu Ghaythacha para o filho do rei Rodrigo, que, com a notícia deste evento, havia se mudado e tinham pegado em armas, pedindo-lhes para vir em seu auxílio e juntar forças contra o inimigo comum. Depois de levantar as tropas nas cidades fronteiriças, os jovens príncipes partiram e chegaram a *Choqonda* (Secunda), acamparam neste lugar. Não se achando em situação segura contra uma traição, Rodrigo entrou na cidade de Córdoba. Rodrigo marchou para enfrentá-los e então marcharam para lutar contra Tharik. Assim que os dois exércitos viram Olemundo e seus dois irmãos concordaram em trair Rodrigo. Naquela noite, eles enviaram seus projetos para compartilhar com Tharik, dizendo que Rodrigo foi uma espécie de um dos cães de seu pai e um dos seus seguidores. Eles exigiram que lhes fosse concedida uma anistia, desde que no dia seguinte, eles fossem com Tharik e firmassem a titularidade de suas aldeias pertencentes a seu pai na Andaluzia (AL-KOUTHYA, Ibn, 1853, p.219-220).

No relato de Al-Kouthya percebemos como os filhos de Witiza passam para o lado de Tariq na batalha que conhecemos pela denominação “Guadalete”, em 711. De fato, em sua narrativa, Al-Kouthya enaltece seu passado por meio de Witiza: “[...] informamos que o último rei dos godos, na Andaluzia, foi Ghaythacha (Witiza)”. Além disso o olhar sobre Rodrigo ganha um reforço pejorativo: “[...] Rodrigo foi uma espécie de um dos cães de seu pai”. Assim confirmamos a orientação de parcialidade apresentada por Al-Kouthya na construção de sua história da conquista de Al-Andaluz. No entanto, lembremos que o referido historiador segue a mesma tradição do conde Julião para justificar a entrada de Tariq na Península Ibérica, tal como Al-Hakam se utilizou.

A partir desse momento Kouthya nos indica a entrada na narrativa de Musa Ibn Nusayr, o qual foi avisado por Tariq da conquista do território visigodo. Depois Musa passa para as terras andaluzas e firma um acordo com os filhos de Witiza entregando as patentes que registravam seus nomes como donos de pedaços de terras em Al-Andaluz (AL-KOUTHYIA, Ibn, 1853, p.221). Depois, através de um recuo no espaço-tempo da narrativa, Al-Kouthya conta sobre o encontro entre Tariq e Rodrigo na batalha que ocorreu perto de Sidonia (tal como Al-Hakam afirma) e o que ocorreu depois:

O encontro entre Tharik e Rodrigo ocorreu perto de Chodzouna (Sidonia), às margens do Bekka Wadi. Rodrigo, Deus colocou em fuga, que, apesar do peso de sua armadura, tentou atravessar a nado o Wadi Bekka. Seu corpo nunca foi encontrado. [...] Diz-se que os reis godos tinham um palácio em que estavam os quatro evangelhos em que eles juravam. O palácio manteve-se altamente reverenciado, nunca o abriram e inseriam lá dentro o nome de cada rei que morria. Quando Rodrigo tinha tomado o reino, cercou a coroa, atraiu a desaprovação dos cristãos [...]. Quando o palácio foi aberto, lá se encontravam estátuas representando leis árabes, laço no ombro e um turbante na cabeça sob as estátuas em que foram escritas as seguintes palavras: “Quando este palácio for aberto nós vamos tirar as estátuas e Al-Andaluz terá um povo semelhante em número por toda região” (AL-KOUTHYIA, Ibn, 1853, p.224).

A imagem de Musa na narrativa de Al-Kouthya é a de um homem ciumento pelas conquistas de Tariq, seu subordinado. Ambos viviam se desentendendo no cotidiano. Musa e Tariq foram chamados pelo califa omaya Walid I, mas este adoeceu e morreu sem motivo aparente quando Musa estava próximo de Damasco. Aqui Al-Kouthya segue a mesma narrativa de Al-Hakam (que aliás pode ter sido uma de suas fontes). Musa poderia ter fugido, mas Al-Kouthya quer nos mostrar que Musa tem uma moral digna e este segue até Damasco para ser julgado e condenado a prisão. O novo califa, Suleyman, irmão do anterior, irá mandar matar o filho de Musa, Abdul Aziz, que era governante de Al-Andaluz no lugar do pai, ordenando que se apresentasse sua cabeça diante dele. Aqui as narrativas são diferentes: enquanto Al-Hakam demonstra Musa indiferente com a morte do filho e, nesse sentido, próximo e amigo de Suleyman, Kouhtya nos indica uma imagem de Musa comovente com a seguinte exclamação deste: "Por Deus! Mousa disse então, você o matou, enquanto ele era virtuoso e inocente" (AL-KOUTHYA, Ibn, 1853, p.228). Depois disso, Kouthya nos indica que Suleyman não mais cometeu violência contra Musa Ibn Nusayr, mas o califa lhe retirou seu título de governador do Magreb e ofereceu o pagamento de uma valiosa multa em troca de sua prisão. E Musa não aparece mais na narrativa de Al-Kouthya. A partir daí este historiador está mais interessado nos próximos governos omayas na Península Ibérica, principalmente na figura de Abd Al-Rahman Muawia (731-788) e a coligação de sua própria linhagem com este poder.

Nossa reflexão, portanto, leva a entender que a aliança entre os visigodos partidários de Witiza com os recém-chegados guerreiros islâmicos foi feita com o objetivo de uma reviravolta interna do governo da Hispania. No entanto o que ocorreu foi uma simultânea submissão dos locais para a nova estrutura política magrebina e uma legitimação da presença islâmica através dos laços familiares que ocorreram em seguida entre os dois grupos, os visigodos e os islâmicos (berberes inicialmente e árabes depois com a chegada de Musa e seus companheiros na região andaluza). Interessante nisso é que o poder omaya, que outrora condenou Tariq e Musa por seus avanços de conquista na Península Ibérica, teve sua continuidade justamente nas terras do Al-Andaluz, tendo em vista a destituição deles no poder em Damasco. A herança omaya foi preservada nesse local a partir de 756 através do emir Abd Al-

Rahman, o Falcão dos Omayas e seu exército sírio. Por sua vez, Musa Ibn Nusayr, governador do Magreb, tem uma imagem positiva nas fontes islâmicas como corajoso e virtuoso. Nas narrativas históricas de Al-Hakam e Al-Kouthya vemos como Tariq foi insubmisso ao seu comandante, tendo que se explicar depois. Por isso a animosidade entre ambos foi uma constante. Podemos refletir que, quando Musa chegou em Al-Andaluz avisado por uma carta de Tariq, o governador do Magreb poderia ter sido aclamado por todo o exército árabe, berbere e pelos visigodos. O início da história de Al-Andaluz é ligado a este contexto identitário fundador.

#### **Imagem:**

CREGO GÓMEZ, María. Posible encuentro de Tariq y Musa en Talavera de la Reina según las fuentes árabes. Estado de la cuestión. *Cuaderna: revista de estudios humanísticos de Talavera y su antigua tierra*. Talavera, Nº. 6, 1998, p. 35.

#### **Sites consultados:**

<http://catalogue.bnf.fr/servlet/autorite?ID=12782549&idNoeud=1.1&host=catalogue>

<http://catalogue.bnf.fr/servlet/autorite?ID=12782549&idNoeud=1.2&host=catalogue>

(Acesso em 27/05/2012).

<http://remacle.org/bloodwolf/arabe/elkouthya/histoire.htm> (Acesso em 27/05/2012).

#### **Referências Bibliográficas**

AL-HAKAM, Ibn. *History of the conquest of Spain*. Tradução da língua árabe por John Harris Jones. (edição bilíngue). London: Williams & Norgate, 1858.

AL-KOUTHYA, Ibn. *La conquête de L'Andalousie*. Tradução francesa de M. Cherbonneau. Paris: Journal Asiatique, 1853.

GREGO GÓMEZ, María. El encuentro de Tariq y Musà. *Tulaytula: Revista de la Asociación de Amigos del Toledo Islámico*. n.9, pp.83-103, 2002.

KHALDUN, Ibn. *Histoire des berberes - I*. Tradução do barão Mac Guckin De Slane. Alger: Gouvernement France, 1852.

SENKO, Elaine Cristina. *O passado e o futuro são como duas gotas d'água: uma reflexão sobre a metodologia da História de Ibn Khaldun (1332-1406)*. Dissertação de mestrado em História pelo PPGHIS UFPR, 2012.